

Viralização digital e Representações Sociais de educação: disputas simbólicas na formação da juventude

Digital Viralization and Social Representations of Education: Symbolic Disputes in Youth Formation

Viralización digital y representaciones sociales de la educación: disputas simbólicas en la formación de la juventud

Bruno Aroucha Regis¹

Rejane Dias da Silva²

Artigo científico

Linha de pesquisa: Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação (TDIC) em Educação Presencial e a Distância

RESUMO

A ascensão social das Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação (TDIC) impacta profundamente a forma como os jovens constroem representações sociais sobre as instituições de ensino. A viralização de conteúdos nas redes digitais não apenas influencia percepções sobre temas cotidianos, mas também reconfigura noções sobre escola, universidade e profissão. Em caráter ensaístico, este artigo analisa e pressupõe como a circulação acelerada de ideias fragmentadas contribui para a descredibilidade das instituições de ensino e o desinteresse da juventude pelos estudos, disputando espaço com o conhecimento sistematizado e historicamente legitimado, e com a função integral da educação. A partir da Teoria das Representações Sociais (MOSCOVICI, 2003; JODELET, 2001), argumenta-se que memes, trends e conteúdos virais funcionam como formas de ancoragem e objetivação, cristalizando imagens simplificadas do ato de estudar e do papel das instituições de ensino. Conclui-se que compreender essa dinâmica é essencial para repensar o papel da educação formal em um contexto de aceleração da circulação de informação nas redes digitais, com poder formativo para os usuários jovens.

Palavras-chave: Educação formal; Juventude; Viralização digital; Representações Sociais.

¹ Pedagogo e estudante do mestrado em educação no PPGedu/UFPE, na Linha Formação de Professores. E-mail: brunomestrando@gmail.com.

² Pedagoga; Doutora em Educação pelo PPGedu/UFPE; professora titular do Centro de Educação/UFPE; e líder do Grupo Interdisciplinar de Estudos Sobre Representações Sociais e Educação/GIERSE. E-mail: rejanediasilva@gmail.com.

ABSTRACT

The social rise of Digital Information and Communication Technologies (DICT) profoundly impacts how young people construct social representations of educational institutions. The viralization of content on digital networks not only influences perceptions of everyday topics but also reconfigures notions about school, university, and profession. This essay-like article analyzes and hypothesizes how the accelerated circulation of fragmented ideas contributes to the discrediting of educational institutions and the disinterest of young people in studying, competing for space with systematized and historically legitimized knowledge and the integral function of education. Based on the Theory of Social Representations (MOSCOVICI, 2003; JODELET, 2001), it is argued that memes, trends, and viral content function as forms of anchoring and objectification, crystallizing simplified images of the act of studying and the role of educational institutions. It is concluded that understanding this dynamic is essential to offset the role of formal education in a context of strengthening the circulation of information on digital networks, with formative power for young users.

Keywords: Formal Education; Youth; Digital Viralization; Social Representations.

RESUMEN

El auge social de las Tecnologías de la Información y la Comunicación (TIC) impacta profundamente la forma en que los jóvenes construyen representaciones sociales de las instituciones educativas. La viralización de contenido en las redes digitales no solo influye en la percepción de temas cotidianos, sino que también reconfigura las nociones sobre la escuela, la universidad y la profesión. Este artículo, con formato de ensayo, analiza y plantea hipótesis sobre cómo la circulación acelerada de ideas fragmentadas contribuye al descrédito de las instituciones educativas y al desinterés de los jóvenes por el estudio, compitiendo por espacio con el conocimiento sistematizado e históricamente legitimado y la función integral de la educación. Con base en la Teoría de las Representaciones Sociales (MOSCOVICI, 2003; JODELET, 2001), se argumenta que los memes, las tendencias y el contenido viral funcionan como formas de anclaje y objetivación, cristalizando imágenes simplificadas del acto de estudiar y el rol de las instituciones educativas. Se concluye que comprender esta dinámica es esencial para repensar el papel de la educación formal en un contexto de circulación acelerada de información en las redes digitales, con poder formativo para los jóvenes usuarios.

Palabras clave: Educación formal; Juventud; Viralización digital; Representaciones sociales.

1 INTRODUÇÃO

Nas últimas três décadas de popularização e consolidação global da internet como meio de comunicação nas sociedades modernas, a forma como as relações e identidades são construídas mudou significativamente. Na educação, a forte presença das Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação (TDIC) transformou não apenas os modos de ensinar e aprender, mas também os sentidos atribuídos pelas novas gerações ao próprio ato de educar e se formar. Se, por um lado, as redes e ambientes

digitais ampliaram o acesso a diferentes fontes de informação, por outro, deram origem a formas de circulação acelerada com curadoria duvidosa de ideias que, muitas vezes, reduzem e/ou distorcem a complexidade e profundidade dos processos educativos.

No contexto da juventude, *memes*, *trends* e conteúdos que viralizam nas redes tornam-se mediadores simbólicos que competem com o discurso formal escolar e acadêmico. Essas narrativas digitais, facilmente compartilháveis, podem produzir representações sociais que reconfiguram o significado de estudo, escola e universidade. A noção de que não necessariamente é preciso estudar para ter sucesso, amplamente divulgada em ambientes digitais, expressa um deslocamento da credibilidade das instituições de ensino, substituída pela valorização de trajetórias rápidas, informais e de visibilidade imediata, com pouca formação integral.

Além disso, o crescimento do consumo de informações por meio das redes sociais digitais evidencia a necessidade de compreender os efeitos que esses fluxos comunicacionais exercem sobre o campo educacional. A cada nova viralização, consolidam-se discursos que podem desvalorizar a escola ou relativizar a importância da formação acadêmica, em nome de promessas rápidas de ascensão social e profissional. Essa dinâmica desafia as instituições a repensarem suas práticas e a se posicionarem frente a narrativas que, ainda que superficiais, têm grande poder de persuasão e impacto na juventude.

Isso aponta para a relevância desta discussão, justificada pela urgência em refletir sobre as representações sociais criadas e difundidas em ambientes digitais, que interferem na construção de sentidos sobre o ato formal de estudar e se formar. O tema ganha importância tanto por seu caráter social, já que se trata da formação de gerações inteiras, quanto também por seu impacto direto nas políticas educacionais, na gestão educacional e na prática pedagógica, que precisam considerar a concorrência simbólica instaurada pelas TDICs. Assim, ao problematizar o papel da viralização digital na constituição de representações sobre escola e universidade, este artigo contribui para ampliar o debate sobre o futuro da educação formal.

Portanto, a questão que orienta a discussão teórica deste trabalho é: como as representações sociais produzidas pela viralização digital podem contribuir para a descredibilidade das instituições formais de ensino na sociedade contemporânea? Para

refletir em correspondência a essa questão, recorre-se aqui à Teoria das Representações Sociais (MOSCOVICI, 2003; JODELET, 2001), articulada à análise da cultura digital juvenil e às práticas educativas formativas na atualidade. As instituições de ensino enfrentam o desafio de se manterem como espaços legítimos de formação em meio a um ecossistema comunicacional que privilegia a rapidez, a fragmentação e a superficialidade. A escola e a universidade, tradicionalmente reconhecidas como instâncias produtoras e transmissoras do conhecimento socialmente validado, agora precisam disputar atenção e credibilidade com narrativas que emergem de influências digitais, plataformas de entretenimento e conteúdos virais. Essa disputa não ocorre apenas no campo pedagógico, mas também no social, visto que se trata de reconstruir a confiança e a relevância da educação formal frente a discursos digitais que questionam sua eficácia ou necessidade.

Nesse contexto, torna-se imprescindível que as instituições avancem para além da mera incorporação de recursos tecnológicos, buscando novas formas de comunicação capazes de dialogar com as novas linguagens das juventudes conectadas. O esforço não é apenas técnico, mas cultural e simbólico, de aproximar-se dos códigos digitais, sem abrir mão do compromisso com a formação crítica e humana. A capacidade das instituições de ensino de se reinventarem diante das transformações comunicacionais contemporâneas pode significar não apenas sua sobrevivência, mas a manutenção de seu papel fundamental na formação das próximas gerações em meio a uma sociedade cada vez mais atravessada pela virtualidade.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Diante do panorama inevitável e já fixado dos aparatos digitais no cotidiano de boa parte da sociedade moderna, com maior alcance e presença nas juventudes atuais de pessoas entre 12 e 18 anos de idade, é preciso problematizar como a circulação de discursos e imagens no espaço digital se relaciona com a construção social do conhecimento. A juventude, que historicamente sempre reelaborou significados sobre escola e faculdade (OLIVEIRA, 2015) encontra nas redes digitais um espaço de produção

simbólica que ultrapassa as fronteiras da sala de aula e desafia o monopólio do saber formal.

A viralização digital é o compartilhamento algorítmico massivo e repentino de conteúdos diversos produzidos nas redes, que vai de memes a narrativas de sucesso com pouco esforço, e atua como dispositivo de legitimação de novas representações sociais sobre o aprender e o se formar, deslocando a autoridade da instituição de ensino para espaços de visibilidade imediata, marcados pelo entretenimento e pela lógica algorítmica. Esse cenário nos leva a pensar como o conhecimento institucionalizado pode dialogar com essas novas formas de mediação simbólica, reconhecendo tanto o potencial educativo das TDICs quanto os riscos de uma desvalorização crescente da educação formal. É nesse ponto que a Teoria das Representações Sociais (TRS) oferece um referencial importante para compreender a dinâmica entre comunicação digital, prática juvenil e disputa simbólica em torno da instituição de ensino e o ato de estudar.

2.1 Representações Sociais e Juventude

Moscovici (2003) elabora que as representações sociais são como formas de conhecimento socialmente elaboradas que orientam práticas e condutas individuais e coletivas. No campo educacional, tais representações se materializam em crenças, valores e visões que os sujeitos constroem sobre, por exemplo, a escola e o estudo. Jodelet (2001) ressalta que as representações sociais não são apenas imagens ou opiniões isoladas, mas sistemas simbólicos que organizam e regulam relações entre sujeitos, grupos e instituições, com caráter dinâmico e se constituem na vida cotidiana mediando o modo como indivíduos se apropriam da realidade, através dos processos de ancoragem (aproximação com o novo a partir do que já existe) e objetivação (materialização figurativa).

Sá (1998) aborda que as representações sociais se formam por motivos que se expressam em três hipóteses: a necessidade de familiarizar o novo (hipótese da inteligibilidade), a busca de inserção social (hipótese identitária) e a ancoragem em valores pré-existentes (hipótese normativa). Esses aspectos ajudam a compreender

por que conteúdos virais têm tanto impacto entre os jovens, visto que eles simplificam, aproximam-se da linguagem cotidiana e reforçam pertencimentos grupais.

Quando se trata da juventude, esse processo assume características específicas. A juventude pode ser entendida não apenas como uma faixa etária, mas como uma etapa de transição marcada por intensas transformações identitárias, sociais e culturais (DAYRELL, 2007). É um período sensível da vida em que o sujeito busca referências, experimenta pertencimentos e define trajetórias escolares, profissionais e pessoais. Nesse contexto, a construção de representações sociais é particularmente intensa, já que os jovens estão em permanente negociação entre valores familiares, expectativas institucionais e narrativas midiáticas.

A circulação de conteúdos digitais amplia essa dinâmica, pois memes, linguagens, emojis, redes, aplicativos, arte audiovisual, modas, trends e narrativas virais oferecem modelos simbólicos que os jovens rapidamente ancoram em seu cotidiano, formando noções sobre a escola, a universidade e o próprio ato de estudar e ter uma formação. Assim, a juventude, por sua plasticidade e abertura a influências externas, constitui um terreno fértil para a formação de representações sociais, sobretudo quando mediadas pelas tecnologias digitais.

As representações sociais sobre a escola e a universidade construídas pela juventude contemporânea, fortemente conectada às redes digitais, nem sempre correspondem ao valor histórico atribuído a essas instituições. Como destaca Jodelet (2001), as representações funcionam como quadros de referência que orientam práticas, e, no caso dos jovens, podem levar tanto ao engajamento escolar quanto ao afastamento. As viralizações virtuais, muitas vezes, difundem a ideia de que o esforço acadêmico é desnecessário, especialmente diante de exemplos midiáticos de influenciadores digitais ou empreendedores que alcançam visibilidade e ganhos financeiros sem passarem pelo caminho tradicional da formação acadêmica. Esse tipo de discurso, repetido e compartilhado, ancora-se em valores sociais como autonomia e liberdade, reforçando a ideia de que o diploma perdeu importância no mercado atual e faculdade é “coisa do passado”.

Nesse cenário, a Teoria das Representações Sociais (TRS) ajuda a compreender por que os discursos midiáticos produzem sentidos que conduzem a juventude a

valorizar trajetórias alternativas. O sucesso rápido no universo digital, a monetização de conteúdos em redes sociais e as oportunidades ligadas ao empresariado informal tornam-se imagens objetivadas de possibilidade de futuro. Dayrell (2007) lembra que os jovens estão em processo contínuo de construção de identidade, e nesse processo incorporam narrativas sociais que lhes parecem mais acessíveis e condizentes com seus desejos.

Um aspecto contemporâneo que ilustra a construção de representações sociais entre os jovens é o fenômeno dos chamados “nem-nem”, que são aqueles que não estudam nem trabalham, que reflete tensões identitárias e sociais na passagem para a vida adulta. Segundo Souza e Oliveira (2020), essas escolhas ou situações não podem ser interpretadas só como ausência de iniciativa, mas como resultado da mediação simbólica entre expectativas sociais, possibilidades reais de inserção no mercado de trabalho e percepções sobre o valor da educação formal.

As representações sociais associadas a esse grupo, que em boa parte são de risco, marginalidade ou descompasso com a norma escolar, influenciam não apenas a autoestima e o projeto de vida desses jovens, mas também a forma como a sociedade os percebe, reforçando estereótipos ou criando novas categorias interpretativas. Nesse contexto, a TRS permite compreender que as decisões sobre estudo e trabalho não são isoladas, mas ancoradas em imagens, valores e narrativas coletivas sobre sucesso, competência e pertencimento social, revelando como os fluxos simbólicos contemporâneos moldam trajetórias e expectativas de futuro, de profissão e de cidadania.

Assim, valorizar o tempo escolar e estudar em uma faculdade, que antes era visto como principal caminho de ascensão social, agora disputa espaço com representações sociais que valorizam o universo digital, a criação de conteúdo digital ou profissões emergentes da cultura digital. Para muitos jovens, o estudo formal pode ser reposicionado como apenas uma das várias opções possíveis, e não necessariamente a mais atraente para a construção de sua trajetória profissional e pessoal.

2.2 Viralização digital e construção de sentidos

A viralização entendida como a propagação massiva e acelerada de conteúdos digitais, pode produzir efeitos profundos na configuração de representações sociais. Segundo Recuero (2009), a circulação de informações em rede opera por mecanismos de compartilhamento que não exigem aprofundamento, mas privilegiam impacto emocional, humor e o estado de consumo digital em um dado momento. Ainda que os usuários sejam autores de conteúdos que viralizam, há um filtro e curadoria virtual do algoritmo de acordo com esse privilegiamento, e que acaba também moldando o próprio modo como os produtores elaboram seus conteúdos.

No âmbito educacional, as imagens e narrativas que se propagam acerca dos sentidos sobre o futuro profissional e o significado imediato de estar vivenciando a experiência escolar visando uma consecutiva formação acadêmica, colocam em xeque a necessidade desse caminho formativo tradicional, e essa lógica leva à solidificação de visões simplificadas das instituições de ensino. Piadas recorrentes sobre inutilidade de certas disciplinas, memes sobre performances profissionais de professores ou sobre a irrelevância do diploma, exemplificam como o espaço digital ancorou novas representações da educação formal. Tais noções não apenas circulam, mas se tornam referências identitárias entre jovens, afetando sua relação com os estudos.

No fenômeno da viralização digital, os sentidos podem ser compreendidos como construções sociais que conferem significado às experiências e orientam a percepção do que é relevante ou desejável. Esses sentidos não são dados ou universais, mas produtos de negociações contínuas entre indivíduos, grupos e o ambiente simbólico em que circulam, formando mapas coletivos de compreensão da realidade. As redes digitais aceleram e amplificam esse processo, permitindo que visões de mundo emergentes se consolidem a partir de interações rápidas, fragmentadas e altamente visíveis. Funcionam, nesse contexto, como catalisadores de sentidos compartilhados, onde não apenas refletem valores e expectativas, mas ajudam a moldá-los, oferecendo esquemas de interpretação sobre escola, profissão e sucesso que, embora simplificados, exercem grande influência sobre decisões e atitudes dos jovens na construção de seus projetos de vida.

Ao operar por meio de repetições e compartilhamentos de alto alcance, a viralização cumpre papel de objetivação de determinadas ideias, transformando conceitos abstratos em imagens concretas e facilmente reconhecíveis. Memes que ironizam a escola como prisão ou que exaltam influenciadores digitais milionários em contraste com professores mal remunerados, produzem esquemas simbólicos que simplificam debates complexos sobre a função social da educação. Como observa Silva e Garcia (2021), tais conteúdos não se limitam ao humor, pois circulam em rede como formas de legitimação de visões de mundo, favorecendo o enraizamento de representações sociais que questionam o valor do estudo formal. Nessa perspectiva, a viralização age como mecanismo coletivo de construção de sentido, capaz de organizar percepções compartilhadas entre jovens.

Um exemplo concreto está nos vídeos curtos amplamente replicados em plataformas como TikTok e Instagram, nos quais estudantes encenam situações de sala de aula para satirizar professores ou conteúdos curriculares. Esses materiais, segundo Primo (2020), são compreendidos como práticas de interação que não apenas divertem, mas também moldam percepções sobre o que é considerado relevante ou irrelevante aprender. A circulação desses conteúdos tem potencial de formar representações de que certos conhecimentos são inúteis ou desconectados da vida real, alimentando um imaginário juvenil que enfraquece o vínculo com a escola. A repetição e apropriação dessas narrativas pelas juventudes mostram como a lógica algorítmica potencializa determinados sentidos em detrimento de outros.

O conteúdo viral também favorece processos de ancoragem em valores já presentes no imaginário social, como a valorização da praticidade e do sucesso rápido. Silva e Garcia (2021) demonstram que discursos digitais que exaltam trajetórias de empreendedores ou influenciadores autônomos se apoiam em representações sociais prévias da juventude sobre liberdade e independência, reforçando a ideia de que a escola seria um obstáculo à criatividade e ao progresso. Assim, a viralização pode criar sentidos rearticulando símbolos existentes para oferecer respostas rápidas e sedutoras aos anseios e ansiedades juvenis. O resultado é um campo de disputa simbólica onde as representações sociais da educação formal precisam competir com narrativas virais que

prometem atalhos imediatos e reconhecimento social sem a mediação institucional da escola ou da universidade.

2.3 A disputa simbólica pelo futuro da educação formal

A literatura sobre TDIC na educação reconhece tanto potencialidades quanto desafios. Moran (2015) observa que a integração das tecnologias digitais pode enriquecer a aprendizagem, mas também desloca a centralidade da instituição de ensino como fonte de saber. Nesse sentido, o ensino formal passa a disputar espaço com fluxos informacionais externos, que nem sempre são validados ou fundamentados com rigor e responsabilidade.

É de se reconhecer que existem outras fontes de saberes legítimos e outras formas de construção de conhecimento além dos moldes institucionais, no âmbito popular, como a própria TRS investiga, aponta e privilegia. Não há aqui uma defesa cega à uma suposta exclusividade formativa das escolas e universidades. O que se propõe é o cuidado para uma possível invalidação das instituições em detrimento de uma educação superficial, o que pode impactar o nível de formação humana dos sujeitos e, por consequência, da sociedade.

Do ponto de vista da gestão e das políticas educacionais, isso representa um desafio adicional de como garantir a credibilidade e relevância das instituições de ensino frente às representações sociais construídas em ambientes digitais. Mais do que inserir tecnologias no cotidiano escolar, é necessário compreender os modos de circulação simbólica que moldam a visão dos jovens sobre o papel da educação, para que a partir disso seja possível repensar as práticas escolares na direção de dialogar com a nova linguagem juvenil, sem perder de vista a necessidade de resgatar o papel de formação integral da escola, com ações e currículos que alterem representações infundadas de educação entre a juventude.

A educação formal, entendida como o conjunto de práticas sistematizadas e institucionalizadas que ocorrem na escola e na universidade, historicamente assumiu a função de socializar conhecimentos científicos, valores culturais e princípios éticos que estruturam a vida em sociedade. No entanto, como observa Saviani (2008), sua

legitimidade sempre dependeu da sua capacidade de formar sujeitos críticos e cidadãos plenos de direitos e deveres. Hoje, esse papel é tensionado pela emergência das TDICs, que oferecem trajetórias alternativas de aprendizagem mais rápidas, práticas e ajustadas à lógica do consumo digital predominante em vários setores sociais. Não obstante, é daí também que vem o aumento da procura pelo formato EaD no Ensino Superior brasileiro (INEP, 2023).

A disputa simbólica pelo futuro da educação formal se dá no campo das representações sociais. Se antes as instituições eram vistas como o caminho privilegiado para a ascensão social ou até para um encontro de sentido existencial, agora precisam reafirmar a centralidade frente à cultura digital que promete retornos imediatos sem formação. Ou melhor, com outro tipo de formação que não prioriza o desenvolvimento de habilidades emocionais e comportamentos coletivos, nem o exercício amplo da cognitividade. O simbolismo dessa disputa não se encerra em imagens mentais, mas se estende na orientação das condutas dos jovens, ao mesmo tempo que não oferece de forma concreta a estabilidade de uma trajetória segura profissionalmente, como ainda há na direção oferecida pelas instituições de ensino.

Nesse cenário, a previsão de futuro para a educação formal exige reconhecer que o modelo transmissivo tradicional já não atende às demandas cognitivas e afetivas das juventudes hiperconectadas. Como ressalta Kenski (2012), é necessário que a escola assuma as “TDICs” não apenas como recursos auxiliares, mas como linguagens da experiência contemporânea. Isso implica rever metodologias, incorporando práticas como projetos interdisciplinares mediados por tecnologias, uso pedagógico de redes sociais para debates e criação de narrativas digitais que dialoguem com o universo simbólico dos jovens. Exemplos como os projetos de gamificação em sala de aula (SANTOS; CYRINO, 2021) demonstram que, quando bem orientada, a tecnologia pode reencantar os alunos com o processo de aprender, sem renunciar a profundidade da formação.

No horizonte do futuro digital, a emergência de novas profissões ligadas à cultura de dados, inteligência artificial, marketing digital, design de experiências e criação de conteúdo, também desafia a centralidade tradicional das instituições de ensino, sobretudo no que se refere à definição do que é uma carreira legítima. Como

observam Lemos e Lévy (2010), a sociedade em rede reconfigura os campos profissionais, exigindo da educação formal não apenas a transmissão de conteúdos estáveis, mas a capacidade de formar sujeitos capazes de aprender continuamente e se adaptar às transformações do mundo do trabalho.

Nesse sentido, o futuro das instituições de ensino dependerá de sua habilidade em articular competências técnicas emergentes com uma formação integral, ética e crítica, evitando reduzir-se a um treinamento meramente instrumental. Ao mesmo tempo, torna-se fundamental atualizar currículos e metodologias de modo a dialogar com as novas linguagens digitais, preparando os jovens não apenas para ocupar profissões que ainda estão surgindo, mas para criar coletivamente alternativas profissionais e sociais em um mundo em mutação.

A aposta no futuro da educação formal deve se ancorar em estratégias que conciliem inovação tecnológica com compromisso ético. Behrens (2015) argumenta que a escola precisa se reposicionar como espaço de formação integral, capaz de articular a comunicação digital, competências cognitivas, socioemocionais e cidadãs. Isso significa não competir com os conteúdos virais, mas ressignificá-los como ponto de partida para reflexões críticas, ampliando a consciência dos jovens sobre a sociedade em que vivem. Ao incorporar linguagens digitais sem perder a densidade do conhecimento, as instituições de ensino podem manter atratividade, legitimidade e relevância social, mostrando-se não como espaços obsoletos, mas como territórios fundamentais para a formação de sujeitos ativos na realidade, em qualquer época.

3 METODOLOGIA

Este artigo adota como metodologia a revisão bibliográfica e a discussão teórica, entendendo que o objetivo central não é a análise empírica de um campo delimitado, mas a problematização conceitual e interpretativa da relação entre juventude, representações sociais, educação formal e viralização digital. Trata-se, portanto, de uma pesquisa com abordagem qualitativa, em que a ênfase recai sobre a compreensão e a interpretação de fenômenos sociais a partir de referenciais teóricos, culturas e saberes já consolidados (GATTI, 2010).

A revisão bibliográfica foi conduzida com base em autores clássicos da Teoria das Representações Sociais (MOSCOVICI, 2003; JODELET, 2001), assim como em contribuições brasileiras contemporâneas sobre juventude, TDIC e educação (OLIVEIRA, 2015; DAYRELL, 2007; KENSKI, 2012; RECUERO, 2009; BEHRENS, 2015). A escolha desse método se justifica pelo fato de que a temática ainda é recente e em situação de maturação, exigindo esforços de sistematização conceitual para orientar futuras pesquisas empíricas e práticas pedagógicas. Nesse sentido, a discussão teórica permite mapear e articular diferentes perspectivas, oferecendo um panorama crítico sobre as disputas simbólicas em torno do futuro da educação formal.

Metodologicamente, esse tipo de estudo é relevante porque contribui para consolidar um campo emergente de investigação que envolve educação e cultura digital, oferecendo interpretações que podem subsidiar tanto a produção acadêmica que discute o futuro das políticas educacionais e das práticas docentes. Ao privilegiar a análise teórica, busca-se construir um olhar reflexivo e propositivo, capaz de repensar o papel das instituições de ensino em uma sociedade marcada pela circulação acelerada de informações e pela viralização de discursos que incidem diretamente sobre as representações sociais da juventude.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A viralização digital não apenas difunde informações, mas também pode estruturar sentidos compartilhados que influenciam a forma como os jovens percebem a escola, a universidade e o ato de estudar. Esses sentidos, ancorados em conteúdos simplificados e facilmente replicáveis, contribuem para a descredibilização da educação formal, tensionando sua legitimidade social.

Reconhecer a centralidade das representações sociais na cultura digital é fundamental para que professores, gestores e formuladores de políticas educacionais elaborem estratégias que dialoguem com a juventude. Não se trata de competir com os conteúdos virais, mas de construir pontes de criticidade entre saberes escolares e a linguagem das redes, de modo a revalorizar a importância da formação acadêmica e profissional no mundo contemporâneo.

O desafio das instituições educativas, diante das TDICs, não é apenas tecnológico, mas simbólico ao reposicionar-se na disputa por sentidos em uma sociedade marcada pela velocidade da circulação digital, que já capturou a maior parte da juventude. Conta-se também, portanto, com a necessidade de especialmente no âmbito escolar os gestores aproximarem a comunidade e os pais, a fim de juntarem forças na educação de seus filhos, proporcionando-lhes o reconhecimento do futuro como um reflexo da formação educacional vivenciada no tempo presente, onde deve-se alimentar os aspectos culturais favoráveis e identificar as armadilhas do imediatismo digital.

O prognóstico que se coloca para a juventude atual é o de uma convivência inevitável com a virtualidade como dimensão constitutiva de sua experiência social e formativa. As redes digitais não serão apenas espaços de entretenimento, mas arenas de construção identitária, de disputa de sentidos e até de inserção profissional. Nesse contexto, a escola e a universidade que conseguirem se tornar mediadoras críticas desse universo, ajudando os jovens a discernirem entre informação e conhecimento, visibilidade e reconhecimento, velocidade e profundidade, terão maiores condições de manter sua relevância histórica.

Desse modo, o futuro da educação formal dependerá de sua capacidade de dialogar com as práticas digitais sem se submeter inteiramente a elas, garantindo que a juventude não apenas se adapte ao ritmo da virtualidade digital, mas seja capaz de transformá-la em favor de um projeto humano mais justo e emancipador.

6 REFERÊNCIAS

BEHRENS, Marilda Aparecida. **Metodologias ativas e formação integral: desafios para a educação contemporânea**. Curitiba: Champagnat, 2015.

CASTRO, Jorge A.; Aquino, Luseni. **Juventude e políticas sociais no Brasil**. Brasília: IPEA, 2008. 153 p

DAYRELL, Juarez. **A escola “faz” as juventudes? Reflexão em torno da socialização juvenil**. Educação & Sociedade, Campinas, v. 28, n. 100, esp, p. 1.105-1.128, 2007.

GATTI, Bernadete. **A relevância dos métodos de pesquisa qualitativa em Educação no Brasil.** In: Metodologias da pesquisa qualitativa em educação: teoria e prática. Petrópolis, RJ: Vozes; 2010.

GENTILI, Pablo. **Educar para o desemprego: a desintegração da promessa integradora** In: FRIGOTTO, Gaudêncio (org.). Educação e crise do trabalho: perspectivas de final de século. Petrópolis: Vozes, 1999. p. 76-99

JODELET, Denise. **As Representações Sociais.** Trad. Lilian Ulup. Ed. UERJ. Rio de Janeiro, 2001.

KENSKI, Vani Moreira. **Educação e tecnologias: o novo ritmo da informação.** 8. ed. Campinas: Papirus, 2012.

INSTITUTO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS EDUCACIONAIS ANÍSIO TEIXEIRA (Inep). **Censo da Educação superior 2023.** Sinopse Estatística. Brasília, 2024. Acessado em out.2025 no link: <https://riep.inep.gov.br/items/67fe9724-e9d0-4c99-9898-95f49a1bf5b6>

LEMOS, André; LÉVY, Pierre. **O futuro da internet: em direção a uma ciberdemocracia planetária.** São Paulo: Paulus, 2010.

MORAN, José Manuel. **Educar na era digital.** São Paulo: Edições Loyola, 2015.

MOSCOVICI, Serge. **Representação social: investigações em psicologia social.** Petrópolis: Vozes, 2003.

OLIVEIRA, Ramon. O Ensino Médio e a inserção juvenil Precarização do trabalho. **Revista Diálogo Educacional**, Curitiba, v. 15, n. 44, p. 247-266, jan.-abr. 2015.

PRIMO, Alex. **Interações em rede: comunicação e cultura digital.** Porto Alegre: Sulina, 2020.

RECUERO, Raquel. **Redes sociais na internet.** Porto Alegre: Sulina, 2009.

SÁ, C. P. de. **A construção do objeto de pesquisa em representações sociais.** Rio de Janeiro: EdUERJ, 1998. 110 p.

SANTOS, Edméa; CYRINO, Márcia. **Gamificação e juventude: práticas de inovação em escolas públicas.** Revista Brasileira de Educação, v. 26, n. 67, p. 1-18, 2021.

SAVIANI, Dermeval. **História das ideias pedagógicas no Brasil.** Campinas: Autores Associados, 2008.

SILVA, Tadeu da; GARCIA, Carla. Juventude, mídia e representações sociais da educação. **Revista Brasileira de Educação**, v. 26, n. 68, p. 1-20, 2021.

SOUZA, Ricardo; OLIVEIRA, Mariana. **Juventude, trabalho e educação: os “nem-nem” na perspectiva das representações sociais.** Revista Brasileira de Educação, v. 25, n. 63, p. 1-18, 2020.

NOTA: Os autores foram responsáveis pela concepção do artigo, pela análise e interpretação dos dados, pela redação e revisão crítica do conteúdo do manuscrito e, ainda, pela aprovação da versão final publicada.

Submetido em: 08/01/2026

Aceito em: 24/03/2026

Publicado em: 16/05/2026